

Pâmela Peregrino da Cruz

A centralidade do diálogo na dimensão pedagógica do Teatro do Oprimido: entre a maiêutica socrática e a Pedagogia do Oprimido

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Marcelo Gustavo Andrade de Souza

Rio de Janeiro
Abril de 2011

Pâmela Peregrino da Cruz

“A centralidade do diálogo na dimensão pedagógica do Teatro do Oprimido: entre a maiêutica socrática e a Pedagogia do Oprimido.”

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profº. Marcelo Gustavo Andrade de Souza

Orientador

Departamento de Educação – PUC-Rio

Profª. Rosália Maria Duarte

Departamento de Educação – PUC-Rio

Profª. Marisol Barenco de Mello

Universidade Federal Fluminense

Profª. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia e Ciências Humanas
PUC-Rio

Rio de Janeiro, 08 de Abril de 2011.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Pâmela Peregrino da Cruz

Concluiu bacharelado e licenciatura em História pela Universidade Federal Fluminense, em 2007. Participou de cursos de formação no Centro de Teatro do Oprimido e desenvolveu atividades artísticas com movimentos sociais do campo e da cidade, como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra e o Fórum do Meio Ambiente do Trabalhador. Atua como educadora popular em cursos de formação política e teatral.

Ficha Catalográfica

Cruz, Pâmela Peregrino da

A centralidade do diálogo na dimensão pedagógica do teatro do oprimido: entre a maiêutica socrática e a Pedagogia do Oprimido / Pâmela Peregrino da Cruz ; orientador: Marcelo Andrade. – 2011.

141 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2011.

Inclui bibliografia

1. Educação – Teses. 2. Teatro do Oprimido. 3. Diálogo. 4. Pedagogia do Oprimido. 6. Método socrático. I. Andrade, Marcelo. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Educação. III. Título.

CDD: 370

A Augusto Boal (em viva memória).

Agradecimentos

Ao meu orientador, o professor Marcelo Andrade, pela confiança e liberdade que me ofereceu para realizar este trabalho. E ao professor Ralph Ings Bannell que primeiramente me acolheu, estimulando meus primeiros passos.

À CAPES, ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não teria sido realizado.

Aos professores José Ligiéro, Rosália Duarte, Marisol Barenco e Cynthia Paes de Carvalho que aceitaram de pronto participar da comissão examinadora.

A todos os companheiros do Centro de Teatro do Oprimido que me apoiam desde a minha formação inicial em 2007 e me receberam tão bem na ocasião da realização das entrevistas e conclusão dessa dissertação.

Resumo

Peregrino, Pâmela; Souza, Marcelo Gustavo. **A Centralidade do diálogo na dimensão pedagógica do Teatro do Oprimido: entre a maiêutica socrática e a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, 2011. 141p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O Teatro do Oprimido (TO) é um método de alfabetização estética, sistematizado por Augusto Boal, que visa à transformação da realidade e à humanização através de meios estéticos e a partir do diálogo. Este trabalho analisa o papel do diálogo no TO. A primeira parte apresenta uma análise de algumas pesquisas sobre o TO, buscando revelar as interpretações dadas ao papel do diálogo. A segunda parte analisa a obra de Augusto Boal apresentando o desenvolvimento histórico da dimensão pedagógica do TO e revela as influências dos processos históricos nos quais se inseriu. Os textos de Boal foram analisados como fontes historiográficas a partir do referencial materialista cultural. A partir dessa análise, a perspectiva de diálogo do TO, diferente do que apontavam os trabalhos analisados, revelou-se baseada em dois pilares: a Pedagogia do Oprimido e a maiêutica socrática. Essas duas referências são, então, investigadas para definir os limites entre as concepções originais e a interpretação de Boal. A última parte, a partir da análise de entrevistas, apresenta o pensamento sobre o diálogo dos curingas do Centro de Teatro do Oprimido (CTO). Conclui-se, então, que a perspectiva maiêutica, tal como utilizada por Boal e o CTO, impôs alguns limites para alcançarem-se os objetivos do TO, produzindo uma nova perspectiva dialógica. No entanto, percebe-se o interesse e o esforço do CTO na investigação e na construção de um TO cada vez mais dialógico, comprometido com suas origens, fiel ao pensamento de Boal, mas coerente às demandas atuais.

Palavras-chave

Teatro do Oprimido; Augusto Boal; diálogo; Pedagogia do Oprimido; método socrático.

Abstract

Peregrino, Pâmela; Souza, Marcelo Gustavo. **Dialog's centrality in the pedagogic dimension of Theatre of the Oppressed: between Socratic Method and Pedagogy of the Oppressed**. Rio de Janeiro, 2011. 141p. Msc. Dissertation - Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Theatre of the Oppressed (TO) is an aesthetic alphabetisation method, organized by Augusto Boal, which aims at promoting social change and humanization through dialog and aesthetic means. This work analyses dialogs place inside TO. The first part presents an analysis of some researches about TO, seeking to reveal how they place dialog inside TO. The second part analyse the work of Augusto Boal presenting the historical development of TO pedagogic dimension and reveals the influences of the historical process. Boal texts were analysed as historical documents in the perspective of Cultural Materialism. This analysis reveals that TO dialog perspective, on the opposite way of the analysed works, is based in two pillars: Pedagogy of the Oppressed and Socratic Method. These two perspectives are investigated in order to define the limits between theirs original conceptions and Boal own interpretation. The last part presents the “Cento de Teatro do Oprimido” (CTO) jokers thought about dialog inside TO, through the analyses of interviews. It then concludes that the Socratic perspective, as used by Boal and CTO, set some limits in order to reach their objectives, producing a new dialogical perspective. Nevertheless, CTO effort to investigate and build a ever more dialogical and faithful to its origins and Boal thoughts, as well as able to deal with the new demands of nowadays.

Keywords

Theatre of the Oppressed; Augusto Boal; dialog, Pedagogy of the Oppressed, Socratic Method.

Sumário

1 – Apresentação	10
1.1 – Introdução	14
2 – Análise Bibliográfica	24
2.1 – Levantamento de teses, dissertações e artigos científicos	24
2.2 – Análise de pesquisas sobre a dimensão pedagógica do Teatro do Oprimido	27
2.2.1 – Edmur Paranhos: o Teatro do Oprimido e a formação de professores	27
2.2.2 – Raquel Pedroso: o Teatro do Oprimido na busca por uma prática dialógica	33
2.2.3 – Tânia Teixeira: a Pedagogia do Oprimido no Teatro do Oprimido	37
2.2.4. O que há entre Paranhos, Pedroso e Teixeira?	43
3 – A produção de Augusto Boal e seus interlocutores	46
3.1 – O desenvolvimento histórico da dimensão pedagógica do Teatro do Oprimido	47
3.1.1 – As origens do diálogo: a auto-crítica	48
3.1.2 - O exílio latino-americano e a aproximação com o pensamento freiriano	52
3.1.3 - O exílio europeu: mudança de contexto, mudança de perspectiva	57
3.1.4 - A volta ao Brasil e à realidade latino-americana: mudança de contexto, manutenção de perspectiva?	60
3.1.5 – A insuficiência da maiêutica e o começo de uma nova busca.	65

3.2 – O Teatro do Oprimido e a Pedagogia do Oprimido	67
3.3 – O Teatro do Oprimido e a Maiêutica Socrática	76
4 – A continuidade: análise das entrevistas realizadas com os atuais curingas do Centro de Teatro do Oprimido	83
4.1 – A formação de curingas	88
4.2 – A importância, a função e como o diálogo se realiza no Teatro do Oprimido	94
4.3 – A busca e a construção de conhecimento no Teatro do Oprimido	102
5 – Conclusão	108
6 – Bibliografia	117
7 – Anexos	121

*Não faço Teatro do Oprimido à toa.
Trago alguns porquês que não são só meus.
Encontrei muitos deles em livros, em pessoas, em organizações, no que vivi, no que estudei, no que observei. E ainda descubro novos porquês que me levam a fazer TO.
Um deles é bem claro:*

Não quero ficar sozinha:

*Faço Teatro do Oprimido porque foi muito doloroso ter que me calar quando me
acusaram injustamente e eu não tinha como me defender;
porque foi muito doloroso ser tratada como inferior por ser mulher;
porque foi muito doloroso ser convencida à querer o doce que via na TV, e não
poder comê-lo;
porque foi muito doloroso ser zombada por meu cabelo ficar meio em pé e ter um
nariz achatado;
porque é muito dolorosa a tristeza da minha mãe por eu não ter olhos verdes
como os dela;
porque é muito doloroso faltar uma moeda para pagar a passagem para ir
estudar;
porque foi muito doloroso não ter professores na escola pública e mesmo os que
tinha não terem condições plena de ensinar;
porque foi muito doloroso passar no vestibular em detrimento de outros;
porque é muito doloroso não poder cantar no meio da rua sem atrair olhares de
reprovação;
**porque é muito doloroso ver tantos e tantos como eu, que compartilham dessas
mesmas dores, mas estão todos sozinhos!***

*Como não queria ficar sozinha, me agrupei no teatro. E o grupo teatral estava
agrupado no movimento estudantil.
E na atuação, luta e estudo com aqueles que compartilhavam de minhas dores me
percebi numa classe. Classe que é sujeito. Que transforma.
Não estava mais sozinha! Mas não havia conquistado o que necessitava.
Faço Teatro do Oprimido porque percebi que não apenas não bastaria, como
seria plenamente impossível me reconciliar com minha humanidade sozinha.
Transformar-me individualmente não destruiria a solidão e tampouco destruiria
as bases que causam todas as minhas dores.*

*Faço Teatro do Oprimido porque nele as pessoas podem ver que não precisam
estar sozinhas com seus problemas. Que muito do que pensamos ser problemas
individuais, são sociais. Que se outro sente a mesma dor que eu, somos companheiros,
podemos entender juntos a origem deste sofrimento e juntos lutar para combatê-lo: o
sofrimento em si e suas causas.*

*Juntos podemos relacionar nossas dores com a de outros grupos e formarmos
um grupo ainda maior, um movimento social.*

*Não faço Teatro do Oprimido como analgésico para minha dor, mas como
tratamento profundo para o mundo, em sua totalidade.*

*Faço Teatro do Oprimido porque ele é um convite a todos que estão
individualizados (agonizando, resmungando suas dores, mas convencidos e apoiando as
bases que causam seus ferimentos) a se juntarem com tantos outros que como eles
estavam sós, mas agora formam um coletivo.*

Pâmela Peregrino da Cruz

Revista Metáxis: informativo do Centro de Teatro do Oprimido, 2010.